

A indústria carboquímica catarinense em Imbituba: uma história encoberta pela fumaça vermelha¹

Monique Latrônico de Souza²

Universidade Federal de Santa Catarina

moniquelah@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo propõe-se a versar sobre a instalação da ICC, ambicioso projeto que previa a implementação de um grande complexo industrial na cidade de Imbituba. Busca enfocar, principalmente, os debates gerados no município acerca do impacto ambiental advindo com ela, impacto este resultante, sobretudo, pela supervalorização da perspectiva desenvolvimentista em detrimento do perigo e risco da degradação ambiental.

Palavras-chave: Economia. Indústria. Poluição. Impacto ambiental. Imbituba.

Title: The catarinense carbochemical industry in Imbituba: a history covered by red smoke

Abstract : This article explains the installation of ICC, an ambitious project which forecasted the implementation of an ample industrial complex in the city of Imbituba. It focuses on the discussion generated in the city about the environmental impact and the paradox between a huge appreciation of economical development and the danger and risk of environmental degradation.

Key-words: Economy, Industry, Pollution, Ambiental impact, Imbituba.

Imbituba é uma pequena cidade litorânea, 100 km ao sul de Florianópolis. Possui extensas praias de mar aberto que proporcionam paisagens paradisíacas, dunas, ilhas, vegetação abundante, porém, como acontece em diversas cidades com tais características, ter um visual e uma natureza abundante não são vistos pelo poder público e pela sua população como uma possibilidade para crescimento econômico. É incomum

¹ Título gentilmente elaborado por Bianca Melyna N. Filgueira, estudante da sexta fase do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.



encontrarmos lugares que, fazendo uso desses recursos, estabeleçam mecanismos de sustentabilidade, sem precisar recorrer necessariamente à implantação de grandiosos empreendimentos para alcançar o ideário de “progresso” e “desenvolvimento”. Imbituba reflete essa realidade ao ser palco de um projeto que abarcaria todo um complexo industrial, projeto esse da qual hoje restam apenas a sucata e impressão de grande logro para a comunidade local.

Este ensaio irá atentar para o empreendimento da Indústria Carboquímica Catarinense – ICC, no município de Imbituba, que gerou consecutivas transformações na cidade durante seu período de funcionamento, entre os anos de 1970 a 1990. Focaremos principalmente os anos de 1979 e 1980, seus dois primeiros anos de funcionamento, onde originou-se a popularmente conhecida “maldição da fumaça vermelha”.

A instalação de tal indústria advém do contexto econômico vivido pelo país e, principalmente pela forte atividade carvoeira existente na região do sul do estado. Cidades como Criciúma, Tubarão, Siderópolis, Lauro Miller, entre outras, tiveram durante muito tempo sua economia exclusivamente vinculada ao extrativismo do carvão³. É sabido dos graves problemas que acarretaram para essas localidades, problemas estes que refletem ainda hoje, desde ambientais até em relação à saúde dessas populações.

Um dos problemas gerados por essa atividade econômica era o destino que deveria ser dado ao chamados “rejeitos” do carvão, que acumulavam-se em pátios e transformavam espaços dessas cidades em depósitos a céu aberto com aspecto de “paisagem lunar”, além de provocarem sérios danos ambientais, devido a ação do tempo. Somado a isso o país advinha de um processo de restrições nas importações de enxofre, onde, segundo Neu⁴, o Brasil estava entre os principais compradores para uso na produção

² Acadêmica do curso de História na Universidade Federal de Santa Catarina.

³ A Indústria Carboquímica Catarinense S.A. – ICC – é uma empresa de economia mista, vinculada ao Ministério das Minas e Energia, que tem por finalidade a produção anual de 300 mil toneladas de ácido sulfúrico, utilizando como matéria-prima as piritas carbonosas – extraídas juntamente com o carvão – e a produção anual de 110 mil toneladas de ácido fosfórico, em termos de P₂O₅”. In: **A ICC e seus reflexos** [b/l] [s/n]

⁴ NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Porto de Imbituba: de armação baleeira à porto carbonífero**. Tubarão: UNISUL, 2003. p. 94.



de fertilizantes⁵ e a restrição da importação imposta pelos EUA na década de 50 levou o governo brasileiro a criar uma Comissão para Estudos do enxofre⁶.

Neste sentido o governo brasileiro incentivava uma série de estudos em prol deste insumo, já que o país não possuía reservas satisfatórias deste mineral. Em tais estudos constata-se a possibilidade de aproveitar o enxofre contido nos rejeitos do carvão⁷, que, como já foi dito, acumulava-se nos pátios das empresas de mineração do sul do estado⁸.

A eleição do município de Imbituba para ser sede da ICC aconteceu por uma série de fatores que, a princípio, beneficiariam sua manutenção. Além do porto ali estabelecido, pelo qual se escoaria a produção, uma malha ferroviária já construída interligava a cidade à região carbonífera, facilitando o transporte dos rejeitos para a indústria que o processaria. Além disso, Anitápolis, cidade a 80 Km de Imbituba, possuía reservas de rocha fosfática, essencial para os processos químicos da empresa, produzindo ácido fosfórico, insumo também utilizado para a fabricação de fertilizantes.

Tudo teoricamente muito bem arquitetado bastava agora colocar em prática e contar com o apoio da população local. Este processo de apresentação do projeto à população foi baseado principalmente em duas promessas: geração de emprego e melhorias na infra-estrutura da cidade, já que esta contaria dali para frente com investimentos em saneamento básico, com a implantação do sistema de abastecimento de água feita pela CASAN; melhorias na distribuição de energia elétrica realizada pela CELESC, pela ampliação da rede de telefonia através da TELESC e pelas obras de construção e pavimentação de estradas⁹. Tais melhorias foram apresentadas para a população como benesses com a instalação da indústria, e não como obrigação do poder público.

[...] a localização de sua fábrica de ácido sulfúrico junto a um terminal marítimo de granéis sólidos e líquidos, e em região com apreciáveis áreas

⁵ Segundo Moraes, a produção de fertilizantes estava condicionada a industrialização da agricultura, expandindo desta forma as fronteiras agrícolas, de modo a obter-se maior produtividade da agroindústria e aumento da produção de alimentos e de insumos. p. 267.

⁶ O enxofre é um mineral utilizado na fabricação de ácido sulfúrico, para uso nas indústrias químicas, farmacêuticas, e na produção de fertilizantes. Idem.

⁷ MORAES, Fábio Farias de. A Indústria Carboquímica Catarinense (ICC): uma solução ou um problema. In: GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004. p. 253.

⁸ Ibidem, p. 250.

⁹ HERZMANN, Gabriel. **As transformações no porto de Imbituba e seus reflexos urbanos-regionais**. Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. p. 49.



livres que dentro em breve estarão bem servidas de energia, telecomunicações e rodovias estaduais e federais, facilita sobremaneira a implantação na sua circunvizinhança de um Distrito Industrial.¹⁰

Com a chegada da ICC, a população fica dividida. De um lado aqueles que esperavam melhores tempos, com emprego, infra-estrutura, o progresso para a cidade, e por outro lado, aqueles que questionavam a vinda de uma empresa fabricante de ácidos, instalada na beira da praia, que inviabilizaria a prática pesqueira, além de freiar o potencial para a prática do surf, que começava a destacar-se nacionalmente na década de 70, limitando também qualquer outro tipo de atividade em suas proximidades. Isto posto, pois a localização da ICC e o projeto do complexo industrial, como dissemos acima, situaram-se a beira-mar.

A questão era polêmica. No fim, prevaleceu a força do progresso enraizado sob o discurso desenvolvimentista para Imbituba, como podemos observar neste fragmento:

Sabe-se que a poluição será um dos entraves futuros à incrementação turística com o possível deslize das belezas naturais. O problema, todavia, é de ordem geral. Os grandes centros industriais do país e de outras nações também padecem os problemas de poluição. Não há, portanto, motivo para desânimo.¹¹

Enfim, haveria sim motivos para desânimo e isto ficou provado logo no início de seu funcionamento, pois a maioria da mão-de-obra utilizada na indústria vinha de cidades vizinhas, como técnicos, engenheiros, equipe mecânica entre outros, já que a cidade local não possuía “mão-de-obra qualificada”, o que gerou certa frustração entre os moradores. Os que conseguiram se estabelecer como funcionários entraram através de concursos¹², recebendo o treinamento teórico/prático durante os três primeiros meses de trabalho, ou em serviços que não exigissem conhecimentos técnicos. Vale ressaltar que não houve nenhum incentivo para que fossem capacitados trabalhadores da cidade antes do início das operações da ICC.

Como percebe-se, a instalação da ICC foi paradoxalmente carregada de elementos que influenciariam irreversivelmente no ritmo de vida da cidade. E eis que nem tudo o que reluz é ouro, ou, neste caso, é carvão.

¹⁰ Indústria Carboquímica Catarinense – ICC. **Relatório da Diretoria 1969**. Florianópolis, 1970. p. 14.

¹¹ MARTINS, Manoel de Oliveira. **Imbituba: História e desenvolvimento**. [s/d.], [s/n.].



Um dos primeiros passos para sua concretização propriamente dita, foi a aquisição do terreno para o Complexo Carboquímico. Uma área, a princípio, de 107 m², localizada ao lado do Porto de Imbituba, o que facilitaria o transporte dos produtos. Nesta área, no entanto, já havia assentamento urbano e foi preciso desapropriar em torno de 2 mil famílias¹³, que ali viviam da atividade pesqueira e da produção da farinha de mandioca, onde estavam instalados pequenos engenhos da cidade. Segundo Moraes¹⁴, “a primeira consequência da desapropriação da área foi que as exportações de farinha de mandioca pelo Porto caíram de 24.292 toneladas para 8.290 toneladas de 1970 para 1971.”

Durante ainda o processo de instalação da ICC na cidade, o que nos apresenta algumas pesquisas sobre o tema e nos jornais da época, é uma complexa teia de idas e vindas no que tange a sua consolidação. Antes mesmo de entrar em funcionamento suas unidades de fabricação dos ácidos sulfúrico e fosfórico passaram por um dos primeiros obstáculos, pois a possibilidade de obter a rocha fosfática, que viria de Anitápolis devido sua proximidade, foi cancelada depois que uma concessão da exploração desta reserva foi promulgada em prol de uma empresa de fertilizantes do Rio Grande do Sul¹⁵, como fica evidenciado na seguinte notícia de jornal do ano de 1979¹⁶: “Por decreto do Presidente da República, as Indústrias Luchsinger Modorin (leia-se Adubos Trevo), do Rio Grande Sul, estão autorizadas a explorar e beneficiar a jazida de minério de fosfato descoberta no município catarinense de Anitápolis”. Conseqüentemente para que a ICC garantisse seu funcionamento, restou buscar matéria-prima no estado de Goiás, encarecendo de início seu produto final.

Outro detalhe válido que nos ajuda a compreender os bastidores da construção da ICC paira sobre a compra dos equipamentos para a edificação da fábrica, a qual foi escolhida a empresa japonesa Mitsubishi Shoji Kaisha Ltda. dentre as muitas candidatas. A opção, ao que tudo indica, foi fortalecida por esta oferecer o menor custo e aquela que proporcionaria assim lucros a curto prazo.

Porém não é isso que constatamos ao conversar com moradores e principalmente trabalhadores que vivenciaram todo este processo de mudança que

¹² Valdir Felipe, 59 anos. Entrevista concedida a Monique Latrônico de Souza em 24 de maio de 2007.

¹³ NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Op. cit.** Tubarão: UNISUL, 2003. p. 99.

¹⁴ Fabio Farias de Moraes. **Op. cit.**, p. 262.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Jornal **O Estado**. Florianópolis, 03/03/1979. p. 4. Editorial.



transformaria suas vidas. Conforme relatos da memória popular esses equipamentos eram já obsoletos, sendo que não eram mais utilizados como tecnologia em seu país de origem, ou seja, equipamentos velhos e ultrapassados. Segundo Nilton¹⁷ “*Muitas vezes a equipe mecânica, o pessoal da engenharia é que realizava as mudanças necessárias e até mesmo a adaptação de peças para que a empresa se mantivesse em operação*”. Conseqüência disto, a empresa teve suas atividades paralisada durante três meses, como noticia o Jornal O Estado:

O diretor Walberto Schmidt limitou-se a explicar que ‘a paralisação não merece registro, pois trata-se de um problema qualquer e tudo está sob controle’. Mas, no interior da empresa, onde os operários cumprem expediente normal, embora nada esteja funcionando, as versões para a paralisação eram variadas. Um alto funcionário explicou que a paralisação foi em conseqüência da destruição de um refratário. Segundo esta fonte que não quis se identificar, o tanque depositário de ácido sulfúrico teria sido danificado pelo oxido, que corroeu todo o refratário. Outro funcionário da empresa, que também não quis se identificar temendo represália explicou que ocorreram problemas de ordem técnica, com o equipamento que foi importado do Japão. [...] Mas nada de oficial foi confirmado pela direção da empresa, que não quis falar sobre o assunto.¹⁸

Mas as falhas mecânicas não paravam por aí. Não por acaso a cidade foi marcada pela “maldição da fumaça vermelha”, denominada assim, pois logo no início de seus trabalhos não podia contar também com a chaminé, principal responsável pela filtragem dos gases. A cidade acordava todos os dias coberta por uma fuligem grossa de pó vermelho, conseqüência da primeira etapa do beneficiamento da pirita carbonosa, gerando como resíduo o óxido de ferro, que principalmente em dias de vento nordeste, espalhava-se por toda a região central.

Mesmo assim a situação tendia a piorar, já que depois de funcionando, para realizar a manutenção de limpeza das chaminés era preciso contar com a cumplicidade da natureza, realizando este tipo de operação somente em dias de vento sul, evitando que a poeira se espalhasse em quantidades maiores pela cidade¹⁹.

¹⁷ Nilton Luiz, 48 anos. Entrevista concedida a Monique Latrônico de Souza em 24 de maio de 2007. Nilton foi trabalhador da ICC durante sua construção, vindo a trabalhar também na manutenção de equipamentos durante seu funcionamento até o fechamento.

¹⁸ Jornal **O Estado**. Florianópolis, 29/09/1979. p. 11.

¹⁹ É Nilton quem relata tal episódio.



Além da fumaça, o pó do óxido de ferro era transportado por caminhões até uma área próxima da indústria, ocasionando incômodos para a população local. Outro produto gerado pela ICC era o gesso que esta produzia diariamente, depositado ao lado da empresa, formando uma grande montanha branca. Tanto o óxido de ferro quanto o gesso produzido pela ICC, tinham o propósito de alimentarem o setor siderúrgico e empresas de cimento posolâmico, respectivamente. Indústrias estas que não se concretizaram, apesar de promessas e especulações em torno da viabilização de um Complexo Industrial em Imbituba. A ICC, no caso, seria a primeira e a provedora de matéria-prima das próximas indústrias.

Como percebe-se, a Indústria Carboquímica Catarinense desde sua concepção já apresentava uma série de irregularidades traçando seu destino breve, vindo a funcionar de 1979 a 1993. O exemplo da ICC nos faz refletir sobre como o famigerado progresso nos impulsiona a acreditar em soluções para o crescimento econômico, não importando as conseqüências por vir.

Hoje, a ICC possui grande parte de sua estrutura em abandono, tendo sido comprada, por um valor simbólico apenas para legitimar laços burocráticos entre a União e a Prefeitura. Esta, a partir de então, ocupa apenas um único espaço, a antiga sede administrativa, onde se instalou alguma de suas Secretarias. Segundo moradores, vários planos para revitalização do espaço foram projetados, porém nada nunca foi realizado e muito menos há perspectivas para tal.

Em contrapartida, a cidade busca no turismo uma alternativa para alavancar sua economia. Neste sentido há um massivo empenho em valorizar as belezas naturais, focando no incentivo à prática de esportes náuticos (principalmente no estímulo ao surf, já que as praias são reconhecidas nacionalmente pelas ótimas ondas). Além disso, a baleia que foi uma das principais atividades econômicas da cidade, volta a cena desta vez sob um novo olhar.

A cidade tem sua fundação ligada à caça das baleias francas, mamífero que escolheu os mares de Imbituba como berçário para o nascimento dos seus filhotes. Hoje protegida por leis ambientais rigorosas, a espécie pode ser avistada nas diversas praias da cidade, havendo empresas especializadas para a realização de passeios em barcos especiais de avistagem do cetáceo. A cidade, que foi a última armação baleeira do Brasil, abriga, atualmente, um museu, que vem sendo equipado pela ONG



Projeto Baleia Franca. As baleias freqüentam as praias da cidade de julho a novembro, e sua quantidade vêm aumentando ano a ano.²⁰

A população busca, dessa maneira, recuperar as possibilidades econômicas que havia relegado anteriormente. Impossibilitada do sonho de emergir como um grande complexo industrial que elevaria cidade de sua condição interiorana, trazendo-lhe desenvolvimento e progresso, volta a valorizar sua cidade suas próprias condições naturais, reconhecendo nelas seu potencial valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERZMANN, Gabriel. **As transformações no porto de Imbituba e seus reflexos urbanos-regionais**. Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

MARTINS, Manoel de Oliveira. **Imbituba: História e desenvolvimento**. [s/d.], [s/n.].

MORAES, Fábio Farias de. A Indústria Carboquímica Catarinense (ICC): uma solução ou um problema. In: GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Porto de Imbituba: de armação baleeira à porto carbonífero**. Tubarão: UNISUL, 2003.

Fontes

A ICC e seus reflexos [b/l] [s/n]

Indústria Carboquímica Catarinense – ICC. **Relatório da Diretoria 1969**. Florianópolis, 1970.

Jornal **O Estado**. Florianópolis, 1979.

Entrevistas

Nilton Luiz, 48 anos. Entrevista concedida a Monique Latrônico de Souza em 24 de maio de 2007.

Valdir Felipe, 59 anos. Entrevista concedida a Monique Latrônico de Souza em 24 de maio de 2007.

²⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA. **Baleia Franca Austral**. Disponível em <<http://www.imbituba.sc.gov.br>>. Acesso em 30 de junho 2007.



Documentos eletrônicos

Site oficial da Prefeitura Municipal de Imbituba. Disponível em <http://www.imbituba.sc.gov.br>. Acesso em 30 de junho de 2007.

